



“SAPATÃO”, “BICHA”, “MULHERZINHA”: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIVÊNCIA ESCOLAR DO PÚBLICO LGBT DO RECIFE

Ariane Rafaela de Freitas; Francineide Marques da Conceição Santos; Isabella Nara Costa Alves

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), rafaelalibras@gmail.com, francineide.marques@gmail.com; Faculdade dos Guararapes, isabella.athos@live.com

Resumo: Este trabalho compartilha uma pesquisa ainda em andamento com uma amostra do público LGBT da cidade do Recife e zona metropolitana que investiga as Representações Sociais construídas por esse público sobre sua vivência na escola. Como introdução, apresentamos de forma breve o cenário político-educacional do Brasil, em que os temas de gênero e sexualidade foram excluídos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e uma abordagem terapêutica de “cura gay” é lançada na área jurídica, possibilitando tratamentos psicológicos de “reorientação sexual”, fatos que resultam na naturalização contra o preconceito e a discriminação sexual. Elegemos como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais (RS) de Moscovici (1978) e pensadoras feministas. Parte da pesquisa foi realizada na 16ª parada da diversidade sexual, a outra, em andamento, na plataforma de questionários formulada pela ferramenta *Google Drive*, já coletou o questionário de 50 pessoas, entre lésbicas, gays, bissexuais, pansexuais, transgêneras e não-binárias. Para coleta de dados, utilizamos a Técnica de Associação Livre de Palavras (ALP), em que foram evocadas 150 palavras, através do estímulo indutor “*A vivência LGBT na escola é...*”. Os dados coletados foram organizados e analisados em três campos semânticos conforme os ensinamentos de Bardin (2011), enfatizando a Análise de Conteúdo, desde uma perspectiva da interseccionalidade pensada por Audre Lorde e outras autoras negras. O estudo revelou uma representação construída em torno de referenciais socioculturais, afetivos e psicológicos. Podemos concluir, inicialmente, que é preciso discutir os temas de gênero e sexualidade, com a finalidade de diminuir os preconceitos e discriminações contra a comunidade LGBT. Sugerimos que outras pesquisas sejam desenvolvidas utilizando essa temática, de forma que contribua e fomente as discussões de LGBTfobia na escola.

Palavras-chave: Gênero, sexualidade, representações sociais, LGBT.

Introdução

Torcer seu próprio corpo para inventar outros mundos: “aquendar¹” a metodologia (Tiago Oliveira).

A sexualidade sempre foi um tema tabu em nossa sociedade e não seria diferente no contexto escolar. A sutil e persistente estratégia da invisibilização de algumas identidades de gênero e sexuais escantearam e/ou ridicularizaram historicamente as pessoas LGBTs², e ainda estão bastante presentes. Neste sentido, este estudo, ainda em andamento, tem como finalidade investigar como aconteceu/acontece a vivência escolar e zona metropolitana - nosso objetivo geral.

¹ “Aquendar” é um termo do dicionário pajubá (língua *nagô* e *yorubá*), utilizado principalmente por *drag queens* para esconder o pênis quando vestem trajes “de mulher”. Nesse sentido, a metodologia escolar precisa “contorcer-se” para incorporar novas vivências e sujeitos: a comunidade LGBT (OLIVEIRA, 2016).

²Sigla que se refere à: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transgêneros.



A relação entre pessoas do mesmo sexo, conhecida hoje como homoafetividade, era vista pela sociedade como crime, denominavam como pederastia ou sodomia, posteriormente tratada como doença até o ano de 1990. Na contemporaneidade a ciência, a medicina e alguns avanços legislativos que reconhece alguns direitos de (r)existência, tais como o uso do nome social por pessoas transgêneras, reconhecimento de união entre pessoas do mesmo sexo, dentre outros direitos, embora o avanço desses direitos das pessoas que forma a sigla LGBT venha se dando em passos lentos.

Contudo, há pouco temos visto aparecer alguns retrocessos, como ressurgindo das cinzas temas entendidos que aparentemente estariam “vencidos”, já ultrapassados, tais como a questão da sexualidade *versus* a patologização² da mesma vem ressurgindo com a onda política de conservadorismo que, com as suas “saídas odiosas de armários³”, encarnam propostas, comportamentos e condutas opressoras, que não poupam esforços para (re)estabelecer preconceitos e discriminações com a divulgação de pensamentos persecutórios que vêm sendo partilhados nas redes sociais e em outros discursos formadores de opinião, a exemplo da atuação de professores e professoras em sala de aula.

Experenciamos um fenômeno de exposição, difusão e até mesmo certo orgulho de pensamentos e atitudes preconceituosas nas redes sociais, mídias de comunicação, nos mais diversos contextos, mas sempre com a violação do direito alheio. Este cenário de polarizações e total desrespeito à diferença, intolerância ao desconhecido ou a quem julgam inferior (seja por raça, credo, classe social, orientação sexual ou opinião política) tem aumentado os índices de violência⁴ e se reflete diretamente nessas comunidades que ficam mais vulneráveis nas ruas, nas escolas até mesmo dentro do ambiente doméstico.

² Podemos perceber esse discurso na recente e polêmica liminar do juiz federal Waldemar Claudio de Carvalho, que autoriza atendimento profissional psicológico e estudos de uma chamada “reorientação sexual” – em outras palavras, uma cura à homo/bissexualidade. Entendemos esta proposição como um grande retrocesso, uma vez que no Brasil, no ano de 1999, o Conselho Federal de Psicologia proibiu tratamentos que busquem “curar” a homo/bissexualidade. Contudo, vale ressaltar que a transexualidade ainda é considerada doença (G1, 2017).

³ 'Sair do armário' é uma expressão utilizada com o significado de assumir sua sexualidade publicamente, na expressão 'saída odiosa de armário' fiz uma alusão a primeira expressão, referindo-me a 'expressar' questões de ódio e LGBTfobia publicamente.

⁴ O Brasil é o país que mata mais LGBTs no mundo - uma pessoa a cada 23 horas - e os números vêm aumentando nos últimos meses e Pernambuco é o 4º estado no ranking (REVISTA GALILEU, 2017; JCONLINE, 2017).



Nas várias instituições, como famílias, igrejas e escolas, podemos aprender a (re)produzir ou reduzir preconceitos, pois as formas de ensino são várias, e sabendo que nossos preconceitos são aprendidos e não são inatos aos seres humanos, focaremos no ambiente de educação formal, a escola.

A Educação tem sido alvo de mudanças como a retirada de termos como ‘gênero’ e ‘orientação sexual’ da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e de disciplinas de reflexão crítica como ‘filosofia’ e ‘sociologia’ com o acréscimo de ‘religião confessional⁵’ (mesmo o Brasil reconhecendo-se como um estado laico), mas bem se sabe que as lideranças políticas legislativas e executivas estão a serviço de uma elite que se estampa como heterobranca normativa e agora, indisfarçadamente, evangélica, do segmento religioso pentecostal.

Aqui cabe lembrar-nos de Audre Lorde (2003) quando nos diz sobre a impossibilidade de que se possa derrubar a Casa Grande com as ferramentas do Senhor, das elites, dos opressores, pois a onda conservadora na política educacional se apresenta escancaradamente em projetos retrógrados que são favoráveis à terapia de reversão sexual, vulgo “cura gay”, mesmo que essas posturas se contraponham a conhecimentos científicos já reconhecidas no âmbito da comunidade científica internacional e pelo Conselho Nacional de Psicologia.

Por fim, nossa pesquisa faz parte do propósito de dismantlar essa colonialidade que impõe os modelos de sexualidades opressores que agridem as liberdades individuais e por isso esboçamos uma interpretação sobre os registros dessas vivências tão amplamente frequentes nesse contexto escolar, desde uma perspectiva feminista interseccional. Daí porque ao elegermos como público alvo, a comunidade LGBTTTQ analisamos os sentidos das sexualidades dissidentes não de forma isolada, mas combinados com outros marcadores sociais, tais como gênero, raça, classe e origem.

Metodologia

Como caminho metodológico, optamos por uma pesquisa teórico-empírica, uma vez que se utiliza o estudo de teorias, mas também pretende-se fazer mensuras da realidade social (DEMO, 2000). Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa com coletas de dados que

⁵ O Supremo Tribunal Federal liberou o ensino religioso nas escolas públicas, permitindo aulas ministradas por padres e pastores, o que fere a laicidade do Estado e da escola (BASÍLIO, 2017).



podem ser traduzidos em gráficos, mas também considera as relações entre o mundo real e o sujeito social (KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2010).

O enfoque quanto aos procedimentos técnicos é pesquisa de campo em que “[...] estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes.” (GIL, 2008, p. 57).

O instrumento de coleta de dados é questionário, que apresentava como introdução um breve levantamento de perfil da pessoa entrevistada, em que foi perguntado a idade, a orientação sexual - lésbica, gay, bissexual, pansexual⁶ ou outra - , a raça - amarela, branca, negra, indígena ou outra - e a identidade de gênero - mulher cisgênera⁷/transgênera, homem cisgênero/transgênera ou não-binário⁸. Também foi questionado a escolaridade (fundamental incompleto/completo, médio incompleto/completo, superior incompleto/completo e pós-graduação), o tipo de escola em que estudou a maior parte da vida (pública ou privada) e a situação/status do mercado de trabalho (emprego com/sem carteira assinada, estágio, aposentada, desemprego, estudante ou outra). A seguir, foi indagado se a pessoa participa de algum grupo de militância e se faz algum trabalho de *crossdresser*⁹ (*drag queen/drag king*).

Através da técnica de Associação Livre de Palavras (ALP), era solicitado três palavras, através do estímulo indutor “*A vivência LGBT na escola é...*”, pedindo-se uma hierarquização dessas palavras e uma justificativa daquela que foi indicada como mais importante.

A ALP é uma técnica de coleta de dados da teoria de Análise de Conteúdo, que leva em consideração os estereótipos sociais do grupo questionado de forma espontânea, conforme Bardin (2011). Depois de coletadas, as palavras passam por uma classificação e são divididas em categorias, em que são aproximadas segundo seu nível semântico, para uma análise posterior, tendo como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais (RS) de Moscovici (1978).

⁶ Enquanto a pessoa bissexual sente atração afetivo-sexual por dois gêneros, a pansexual se sente atrativa por todos os gêneros.

⁷ Cisgênera é o contrário de transgênero. Enquanto as pessoas transgêneros não se reconhecem com o gênero dado ao seu nascimento, as pessoas cisgêneras reconhecem-se conforme a masculinidade/feminilidade dada a ela.

⁸ A pessoa não-binária não se identifica conforme o binarismo de gênero homem/mulher, não encaixando-se em nenhuma categoria. Vale ressaltar que pessoas não-binárias também são trans, porque não se encaixam no gênero dado em seu nascimento.

⁹ *Crossdresser* faz um trabalho de artista, geralmente vestindo-se de roupas chamativas, atravessando normas de gênero, como as *drag queens* e os *drag kings*.



O questionário foi realizado com participantes da 16ª parada da diversidade sexual de Recife, que aconteceu no dia 17 de setembro de 2017, na orla de Boa Viagem, e também através da plataforma online de formulários *Google Drive*, ainda em andamento, por acreditarmos que as paradas da diversidade e a *internet* são campos mobilizadores de grandioso potencial atualmente.

Resultados

O levantamento de perfil obteve 50 respostas até o momento da fase de organização dos dados. No que se refere à idade, 13 pessoas (26%) têm entre 14 e 20 anos, 20 pessoas (40%) - a maioria - têm entre 21 a 30 anos. 9 pessoas (18%) têm entre 31 a 40 anos, 3 pessoas (6%) têm 41 a 50 anos, 2 (4%) tem 51 ou mais anos de idade. 3 pessoas (6%) não identificaram a idade.

Quanto à orientação sexual, a maioria se identificou enquanto lésbica (18 pessoas, 36%). 16 pessoas compartilharam a expressão afetivo-sexual gay (32%), 9 pessoas são bissexuais (18%), 6 pessoas são pansexuais (12%) e uma é heterossexual (2%). No que se refere à raça, a maioria se reconheceu-se como negra (30 pessoas, 60%), enquanto 16 se classificaram como brancas (32%), 2 como indígenas (4%), 1 de raça amarela (2%) e 1 pessoa não identificou sua raça. Nesse sentido, podemos perceber que a maioria das pessoas pesquisadas se identificaram enquanto lésbicas e negras.

No que se refere ao gênero, a maioria se identificou como mulher cisgênera (24 pessoas, 48%), seguida de 16 homens cisgêneros (32%), 4 pessoas não-binárias (8%), uma mulher trans (2%) e um homem trans (2%). 4 pessoas não identificaram seu gênero (8%). Já sobre a escolaridade, 1 pessoa tem o fundamental completo (2%), 3 pessoas (6%) tem o ensino médio incompleto, 15 pessoas - a maioria - disse ter o ensino médio completo (30%), 13 (26%) tem ensino superior incompleto, 14 tem ensino superior completo (28%) e 4 pessoas (8%) tem pós-graduação.

No que se refere ao tipo de escola em que as pessoas participantes da pesquisa estudaram, 29 pessoas (58%), disseram ter estudado na escola pública e 21 pessoas (42%) fizeram escola privada. Quanto à situação no mercado de trabalho, a maioria (46%), trabalham com carteira assinada (23 pessoas), 11 pessoas estão empregadas sem carteira assinada (22%) e outras 11 são estudantes (22%). Outras 3 afirmaram que estão desempregadas (6%), uma está estagiando (2%) e



uma não identificou seu *status* no mercado de trabalho. Das 50 pessoas entrevistadas, 23 (46%) fazem parte de algum grupo de militância, e 27 não participam (54%). 8% (4 pessoas) fazem um trabalho de *crossdresser* (*drag queen*) e 92% (46 pessoas) não fazem.

Com a ALP, chegamos a um total de 150 palavras. Levamos em consideração aquelas que foram citadas 3 vezes ou mais. Após a arbitragem, ficamos com um total de 7 palavras, conforme o quadro 1. O Quadro 2 indica a classificação dos termos, apresentando-se “campos semânticos”.

Quadro 1: Palavras mais evocadas ao estímulo “Vivência LGBT na escola é...”

PALAVRA	F
Preconceito	15
Medo	7
Bullying	6
Respeito	4
Luta	3
Amizade	3
Tristeza	3

Quadro 2 - Campos semânticos

Campo 1	Campo 2	Campo 3
Preconceito Luta	Medo <i>Bullying</i> Tristeza	Respeito Amizade



No campo 1, identificamos como mais citadas as palavras *preconceito*¹⁰ e *luta*, em que podemos identificar como aspectos político-sociais apontados pelas pessoas entrevistadas. Vejamos o que falaram as pessoas pesquisadas:

[*Preconceito*] é uma coisa que as pessoas passam. Quem discrimina acha que é o certo (P11¹¹, homem cisgênero gay, negro, 20 anos).

[*Preconceito*] porque era o que eu mais sofria (P12, homem cisgênero gay, negro, 18 anos).

Cada um deve viver com suas escolhas, sem *preconceito* de outros (P14, não-binário, pansexual, 27 anos).

Preconceito, porque independente da pessoa, de qual grupo ou raça, o preconceito se faz bastante presente em todas as classes (P38, mulher cisgênera lésbica, branca, idade não-identificada).

No campo 2, identificamos como mais citadas as palavras *medo*, *bullying*¹² e *tristeza*, que representam aspectos psicológicos, principalmente negativos, características presentes nos depoimentos d@s participantes:

Medo de acontecer algo grave (P2, homem cisgênero, gay, branco, 28 anos).

Mascarando a sexualidade, *medo* de ser quem eu sou (P32, homem cisgênero gay, negro, 33 anos).

Medo tanto meu em relação ao que eu era, quanto em relação ao que as pessoas me rotulavam (P46, homem cisgênero gay, amarelo, 20 anos).

Na verdade, [*bullying*] não é [a palavra] mais importante, e sim o que mais me feriu (P16, homem cisgênero pansexual, branco, 21 anos).

Indiquei *bullying* porque é o mais faziam comigo (P35, mulher cisgênera lésbica, negra, 19 anos).

¹⁰ A palavra preconceito ficou no Campo Semântico n° 1 uma vez que seu significado implica na categorização e na construção de hierarquias sociais (PRADO e MACHADO, 2008).

¹¹ Com o intuito de preservação da identidade, as pessoas participantes do estudo foram identificados da seguinte maneira: P – protocolo, número do protocolo respondido, seguido do gênero, a orientação sexual, da raça e da idade.

¹² Ainda que o *bullying* LGBTfóbico perpassa por questões sociais, palavra *bullying* foi designada ao Campo Semântico n° 2 porque seu significado está atrelado à exposição repetitiva de um/a discente à agressões, causando danos - principalmente - no terreno psicológico (DINIS, 2011).

[*Bullying*] porque não conseguia participar de nada, todo mundo me zoava (P40, mulher cisgênera lésbica, branca, 21 anos).

[*Bullying*] porque nunca me encaixei. Esse tipo de “brincadeira” era tratada como “normal” (P41, mulher cisgênera lésbica, branca, 21 anos).

Podemos perceber uma vivência de *bullying*¹³ dentro de outras falas que indicavam “apelidos” em que estas pessoas convivem/conviviam na escola. Por exemplo, entre as lésbicas, principalmente negras, podemos perceber que as palavras *sapatão*, *menino*, *saboneteira*, *falta de rola* e *cola-velcro* foram manifestadas pelas entrevistadas como “apelidos” pejorativos manifestados para discriminá-las:

Ser lésbica não é aversão ao sexo oposto [*falta de rola*], é outra forma de amar, de ter prazer que não necessariamente esteja associada à figura masculina (P3, mulher cisgênera lésbica, negra, idade não-identificada).

Sapatão: essa [palavra] simplesmente persegue a qualquer menina lésbica na escola, apenas pelo fato de gostar de outra menina, ou pelo fato de ser masculinizada (P22, mulher cisgênera lésbica, negra, 30 anos).

Os colegas da classe me diziam que eu parecia um *menino* e xingavam e me irritavam e [eu] mostrava os seios irritada (P30, mulher cisgênera lésbica, negra, 40 anos).

Já entre os gays, mulheres trans e pessoas não-binárias, a pesquisa indicou apelidos utilizados como forma de humilhação: *frango*, *mulherzinha*, *bicha* e *viadinho*.

Era chamado de *bicha* todos os dias, porque jogava um jogo chamado queimada/o com as meninas, e era um dos melhores do time (P31, homem cisgênero gay, negro, 28 anos).

No que se refere a vivência bi/pansexual, percebemos uma vivência *invisível*, *sexualizada* e *apontada*:

Ser *apontada* certamente foi o pior, as mães das minhas amigas não as queriam perto de mim! (P9, mulher cisgênera pansexual, branca, 18 anos).

¹³ Uma das características do *bullying* é a nomeação de apelidos às vítimas (DINIS, 2011).

Porque você diz que é bi, imagina que é gay. Não imagina que você pode ficar com uma mulher, casar, ter filhos. Nossa vivência é *invisível* (P43, homem cisgênero gay, branco, 27 anos).

No terceiro campo semântico, agruparam-se as palavras *respeito* e *amizade*. Podemos identificar como aspectos de afetividade da vivência escolar das pessoas participantes. Vejamos as respostas:

[*Respeito*] porque devemos respeitar, independente do que as pessoas sejam (P6, mulher cisgênera lésbica, negra, 24 anos).

O *respeito*, como princípio para qualquer minoria, deveria ser o mais importante dentro das escolas, porém não é o que se vê (P13, homem cisgênero gay, negro, 19 anos).

[*Amizade*] é o elo de tudo. Se há amizade, há respeito (P15, homem cisgênero gay, negro, 24 anos).

Como se vive feliz em um lugar onde o apoio dos *amigos* é a única opção, pois nada é fácil em uma escola, tendo que viver escondido... (P18, homem cisgênero bissexual, negro, 19 anos).

No momento que descobri os *amigos*, tive apoio e era mais fácil passar os desafios e as dificuldades (P39, mulher cisgênera lésbica, branca, 19 anos).

Discussão

A pesquisa, ainda em andamento, nos tem permitido identificar um campo psico-afetivo-político, envolvendo a significação de uma identidade LGBT dentro e fora da escola, relacionando-se ao discurso de ação pública dos movimentos político-sexuais e suas pautas/dinâmicas. Podemos perceber que, mesmo nos campos psicológico e afetivo, questões político-sociais foram deixadas de lado dentro das falas das pessoas entrevistadas. Mesmo entre as representações de *respeito* e *amizade*, palavras consideradas positivas, podemos perceber entre os relatos as dificuldades de uma vivência LGBT na escola.

Segundo a autora supracitada, a vivência homo/bi/transsexual dentro do espaço escolar, será notoriamente recheada de preconceitos e tabus, hipótese confirmada na fala das entrevistas (especificamente P41), que disse que o *bullying* LGBTfóbico é tratado como natural dentro de um ambiente que deveria ser de inclusão e respeito. Podemos perceber que o processo de *sair do*



armário acontece, muitas vezes, já na escola, demandando, segundo Prado e Machado (2008) um grandioso esforço psico-emocional, exigindo a reconfiguração dos aspectos negativos para o enfrentamento público, o que torna *sair do armário* um processo.

No âmbito escolar, segundo Dinis (2011, p. 42) “[...] o termo *bullying* tem sido utilizado para nomear a violência sofrida por alunos (as) no ambiente escolar”. O bullying lesbo/homo/trans/bifóbico - ou, simplesmente, LGBTfóbico - expressa a violência através da identidade de gênero/sexual considerada “anormal”, que resulta em agressão física/verbal, chegando até mesmo em evasão escolar e suicídio. Essa problemática se agrava, conforme o autor supracitado, com mulheres, pessoas transgêneras, negras/os e pobres.

Os apelidos pejorativos utilizados pelas pessoas participantes - “bicha” e “sapatão”, por exemplo - hoje estão sendo reconfigurados pelos movimentos de emancipação de gênero e sexual como forma de orgulho, de reversão de uma linguagem preconceituosa e discriminatória para usos que desmistifiquem esses estigmas. Essas palavras que são tão usadas para humilhação e discriminação (e que começam a ser usadas na escola), hoje estão sendo motivo de orgulho - “sou bicha sim”, “sapatão é revolução”, “sou bi, e daí?”.

Podemos então resumir a vivência LGBT como pessoas com uma cidadania de segunda categoria, através do silenciamento/exclusão (especialmente da escola) corroboradas pela heteronormatividade e pelo binarismo sexual e de gênero, em que as diferenças são transformadas em desigualdades. Essas noções desencadeiam as análises dos outros campos semânticos, em que o *respeito* e a *amizade* (campo semântico nº 3) dentro do ambiente escolar tornam-se grandes aliados na *luta* contra o *preconceito*.

Conclusões

A escola, enquanto aparelho ideológico do Estado (segundo Louis Althusser), produz através da disciplinarização/classificação dos corpos, a sexualidade “normal”. Guacira Lopes Louro enfatiza que: “Tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua mas, quase sempre, eficiente e duradoura” (2007, p. 7).

Essa estranheza e até, ignorância do tema, é causada pela suposição de que a escola só lide com temas universais, naturalizando o discurso da heterossexualidade como norma, tendo como



consequência a exclusão/discriminação de alunos/as, bem como professoras(es), LGBTs, propósito principal de uma agenda política conservadora e moralista.

Nesse sentido, faz-se necessário que as profissionais da educação impulsionem práticas pedagógicas dentro das escolas que possam permitir a liberdade de corpos e pensamentos a fim de que os espaços escolares sejam zonas de abordagens das sexualidades como não fixas, nem binárias, e que nas escolas permita-se as discussões sobre a pedagogia *queer* em que “[...] o processo de produção das diferenças trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e precariedade de todas as identidades” (LOURO, 2016, p. 49).

Assim, concordamos com as proposições de Oliveira (2016): precisamos *aquendar* a metodologia e *queerizar* o currículo da escola, embora a política educacional conservadora que se vem implantando neste novo momento no governo brasileiro venha se direcionando para o banimento do “chão da escola” das discussões relativas às sexualidades, dos papéis sexuais, das relações de poder que se dão dentro das relações sociais, inclusive no que se refere a gênero e raça.

Vale ressaltar que apenas construiremos uma escola, uma pedagogia e um currículo *queer* - baseada em uma luta anti-classista e anti-racista, atravessada por um princípio multicultural - através um governo democrático, preocupado com uma agenda, propostas e ações voltados a fundamentar políticas públicas sociais, pensada com e para a população brasileira, especialmente a marginalizada. Se faz necessário a reconstrução da democracia no Brasil de forma urgente, com a finalidade de alcançar as demandas de mulheres, negros, LGBTs e de outras categorias subalternizadas. Sugerimos que outras pesquisas sejam realizadas com a temática, com a finalidade de fomentar o combate à violência LGBTfóbica como importante tema educacional.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASILIO, Ana Luiza. **No Brasil, a diversidade fica em xeque**. REVISTA CARTA CAPITAL. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/973/a-diversidade-em-xeque>>. Acesso em: 10 outubro 2017.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.



- DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação:** quando a omissão também é signo de violência. Educar em Revista. Editora UFPR: Curitiba, Brasil, 2011.
- G1. **Decisão de juiz que autoriza ‘cura gay’ causa mobilização e choque no país.** 2015. Globo.com. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2017/09/decisao-de-juiz-que-autoriza-cura-gay-causa-mobilizacao-e-choque-no-brasil.html>>. Acesso em: 27 outubro 2017.
- GIL. Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 29 setembro 2017.
- JCONLINE. **Violência contra LGBT é tema de audiência pública no MPPE nesta quarta.** 2017. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/08/08/violencia-contralgbt-e-tema-de-audiencia-publica-no-mppe-nesta-quarta-300102.php>>. Acesso em: 7 outubro 2017.
- KAUARK, Fabiana da Silva. MANHÃES, Fernanda Castro. MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa:** um guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.
- LORDE, Audre. **La hermana, la extranjera. Artículos y conferencias.** Traducción de Maria Corniero. Madri, España: Lennart Sane Agency AB, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho** - ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978. 291p.
- PRADO, Marco Aurélio Máximo. MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades:** a hierarquia da invisibilidade. São Paulo: Cortez, 2008.
- OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. **No meio do mundo, aquendar a metodologia:** notas para queerizar a pesquisa em currículo. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 332-356, maio/ago. 2016.
- REVISTA GALILEU. **Brasil é o país que mais assassina LGBTs no mundo.** 2017. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/brasil-ainda-e-o-pais-que-mais-assassina-lgbts-no-mundo.html>>. Acesso em: 7 outubro 2017.